

O ENSINO DAS CORRIDAS COM BARREIRAS A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA. Ivan Luis dos Santos, Sara Quenzer Matthiesen – Ciências da Vida – Educação Física – Departamento de Educação Física – Instituto de Biociências – Campus Rio Claro.

Embora considerado um esporte-base por envolver as habilidades motoras básicas tais como: correr, saltar, lançar e arremessar, o atletismo é ainda muito pouco difundido no âmbito escolar.

Sua trajetória histórica, enquanto manifestação cultural da sociedade, está fortemente vinculada à imagem transmitida pela mídia que, na maioria das vezes, faz do atletismo um esporte para poucos e bem-dotados campeões (MATTHIESEN, 2003).

Conseqüentemente, nas aulas de Educação Física, o que comumente encontramos são profissionais utilizando-se de métodos didáticos que enfatizam, única e exclusivamente, a técnica do movimento, a partir de gestos mecanizados e institucionalizados.

Nestes termos, o movimento corporal humano, enquanto objeto de estudo da Educação Física, restringe-se a um caráter eminentemente biológico. É preciso, conforme CASTELLANI (1988), compreendê-lo juntamente com o movimento social, como um fato de cultura. Em outras palavras, sendo o movimento corporal humano culturalmente construído por meio das relações sociais, portanto humanas, precisa ser trabalhado como tal pela Educação Física.

Dessa forma, o objetivo desse trabalho consiste em propôr o ensino de uma prova tradicional do atletismo - as corridas com barreiras - a partir de uma perspectiva histórica, notificando as principais modificações técnicas, normativas e conceituais ocorridas nesse tipo de prova, desde suas origens até os dias atuais, como forma de subsidiar o trabalho do professor de Educação Física em suas aulas no campo escolar.

Com um caráter histórico-bibliográfico, este trabalho procurou resgatar a história das corridas com barreiras, verificando em livros, vídeos, sites, entre outras fontes e registros, a evolução de suas regras básicas; as alterações em suas técnicas específicas; o surgimento de novos estilos etc, de modo a reunir os subsídios necessários para o ensino desta prova, a partir desta perspectiva, no campo escolar.

Iniciaremos nossa retrospectiva histórica a partir da Inglaterra, em meados do século XIX, quando estudantes universitários britânicos habituados ao desporto hípico e que já não se contentavam em medir as suas forças nas corridas de velocidades sobre superfícies planas, optaram em transpor obstáculos (AS CORRIDAS com barreiras, 2006).

Conta a história que após as provas de *Steeple-chase* hípico, estes estudantes dirigiam-se a uma estalagem para festejarem os vencedores. Foi aí que Halifax Wyatt, do colégio D'Exeter, após ter ingerido alguns cálices de vinho do Porto e já com uma certa alegria, exclamou aos colegas: “*Para o ano já não me apanham em cima daquelas bestas, prefiro correr a pé um percurso de duas milhas com obstáculos*” (AS CORRIDAS com barreiras, 2006).

A idéia contagiou o colégio e alguns dias mais tarde (1850), perto de Oxford, no campo de Binsley, realizou-se uma grande jornada de *Steeple-chase* pedestre. Vinte e quatro atletas trajando sapatos de cricket e calças de flanela pelo joelho, percorreram, pela primeira vez, a distância de duas milhas, superando 24 obstáculos providos de cercas utilizadas na criação do gado bovino e que mediam três pés e meio (1,06 m) de altura, em campos quase impraticáveis, inundados de lama e muito semelhantes aos que normalmente eram destinados às corridas de cavalos (AS CORRIDAS com barreiras, 2006).

As primeiras corridas com barreiras continham uma distância de 100 jardas, porém, a partir de 1864, essa distância foi aumentada para 120 jardas (109,72 m), sendo disputada num percurso composto por 10 barreiras, com altura de três pés e meio (1,067 metros) cada, semelhantemente as provas de 110 metros com barreiras masculino, nos dias de hoje (110 METRES hurdles, 2006).

Depois de um longo tempo disputada com distâncias que se aproximavam às dos 110 metros, em 1888, finalmente, a França padronizou essa distância, homologando a prova dos 110 metros com barreiras. Apenas a Alemanha permaneceu disputando essa prova do atletismo em distâncias diferenciadas até 1907 (110 METRES hurdles, 2006). Os 110 metros com barreiras fez sua estréia nos Jogos Olímpicos, em Atenas, 1896 (LANCELLOTTI, 1996).

Também na Inglaterra, no ano de 1860, foi disputada a primeira corrida de 440 jardas (402,33 m) com barreiras. Enquanto percorriam essa distância, os participantes tinham que superar 12 barreiras de madeira, com aproximadamente 100 cm de altura cada, distribuídos em intervalos equidistantes por todo o percurso e presas ao chão (400 METRES hurdles, 2006). Em 1920, depois de décadas de confusão entre 440 jardas e os 400 metros (437,30 jardas), decidiu-se unificar a distância oficial da prova em 400 metros. Na história dos Jogos Olímpicos, os 400 metros com barreiras estreou em Paris, 1900 (LANCELLOTTI, 1996).

Já o surgimento de corridas com barreiras disputadas por mulheres, deu-se somente ao final da Primeira Guerra Mundial. No entanto as distâncias e alturas das barreiras variaram bastante ao longo desse período. A Federação Internacional de Esportes Feminino registrou recordes em oito provas diferentes desde 1926: 60 jardas/75 cm, 60 jardas/61 cm, 65 jardas/75 cm, 83 jardas/75 cm, 100 jardas/75 cm, 100 jardas/61 cm, 120 jardas/75 cm, e 110 metros/75 cm (100 METRES hurdles, 2006). Em Jogos Olímpicos, a aparição feminina ocorreu em Los Angeles, 1932, com a prova de 80 metros com barreiras. Essa distância foi mantida até 1968, quando, então, foi substituída pelos 100 metros com barreiras (100 METRES hurdles, 2006). Atualmente as mulheres disputam as provas com barreiras nas distâncias de 100 e 400 metros.

Até por volta de 1866, as barreiras eram fixas no chão e, algumas vezes, eram coletivas, isto é, tomavam toda a largura da pista, sendo, portanto, utilizadas por todos os atletas. Porém, diante dessas condições, muitos corredores tiveram sérias contusões ao esbarrá-las (FERNANDES, 2003).

Buscando-se reduzir o número de acidentes, a partir do ano de 1895 foram instituídas barreiras, as quais, a partir de uma construção mais leve, possibilitavam ser derrubadas quando tocadas. Além disso, a base dessas barreiras também foi alterada, passando de um formato em “T”, para um formato em “L”. Esse novo tipo de barreira contribuiu notavelmente para o progresso destas provas, pois os corredores passaram a correr com maior confiança e, conseqüentemente, maior velocidade (110 METRES hurdles, 2006). No entanto, até 1935, os atletas eram desqualificados das provas caso derrubassem mais do que três barreiras, e seus recordes só seriam homologados se terminassem o percurso deixando todas as barreiras em pé (LANCELLOTTI, 1996). Nos dias atuais, derrubar uma ou mais barreiras, desde que não deliberadamente, não elimina o tempo obtido pelo atleta, nem o desclassifica da prova (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO, 2004).

Paralelamente às modificações das barreiras, a técnica utilizada para se fazer a transposição das mesmas também passou por um suave e gradual processo de transformação. As técnicas de passagem da barreira usadas inicialmente eram as mais diversas e bizarras, até que em 1886 um estudante da Universidade de Oxford, Arthur Croome, criou o estilo de atacar a barreira com a perna esticada, o qual se mantém até os nossos dias (HISTÓRICO das provas – masculino, 2006).

De tempos em tempos, novos personagens foram aparecendo nessa especialidade, apresentando seu estilo próprio e revolucionando os conceitos existentes na época. Por exemplo, a inclinação da parte superior do tronco durante a transposição, bem como, a técnica das três passadas entre as barreiras, utilizada por atletas de alto nível, apareceram pela primeira vez nos Jogos Olímpicos de Paris (1900), pioneiramente por Alvin Kraenzlein (LANCELLOTTI, 1996).

Essas particularidades nos estilos de transposição revestiram-se de grande importância na evolução técnica das corridas com barreiras, possibilitando aos atletas atuais níveis técnicos bastante significativos. Por exemplo, Thomas Curtis, o primeiro campeão olímpico da história das corridas com barreiras, ganhou a prova dos 110 metros com barreiras, em Atenas, 1896, com um tempo de 17”6 (LANCELLOTTI, 1996). Cem anos mais tarde, também em Atenas, Xiang Liu sagrou-se campeão olímpico desta mesma prova com a marca de 12”91, quase cinco segundos mais rápida que aquela alcançada por Curtis (110 METRES hurdles, 2006).

No Brasil, o atletismo começou a ser praticado por ingleses e alemães radicados no país, desde o final do século XIX. Em 1914, em São Paulo, o jornal *O Estado de São Paulo* promoveu a primeira competição em território brasileiro, chamada “Campeonato do atleta completo”. Esse evento contemplou 12 provas diferentes do atletismo, dentre elas, os 110 metros com barreiras masculino (SANTOS; ALMEIDA, 2004).

José A. Santos Silva foi o primeiro recordista brasileiro dos 110 e 400 metros com barreiras, marcas alcançadas durante o I Campeonato Brasileiro de Atletismo, em 1925. Com o passar dos anos, outros nomes foram surgindo, dentre eles podemos destacar: Silvio de Magalhães Padilha, campeão sul-americano dos 110 e 400 metros com barreiras, em 1932, e primeiro atleta brasileiro a

alcançar uma final de Jogos Olímpicos – Berlim, 1936 – na prova dos 400 metros com barreiras; Eronildes Araújo, finalista nas provas de 400 metros com barreiras nos Jogos Olímpicos de Atlanta, 1996 e Sidney, 2000 (HISTÓRICO das provas – masculino, 2006); Wanda dos Santos, inúmeras vezes campeã e recordista sul-americana dos 80 metros com barreiras e primeira finalista olímpica brasileira dessa mesma prova em Helsinque, 1952 (HISTÓRICO das provas – feminino, 2006).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais específico da Educação Física, o profissional desta área deve promover a cultura corporal utilizando como instrumento os blocos de conteúdo (conhecimento sobre o corpo, atividades rítmicas e expressivas, esportes, jogos, lutas e ginásticas) (DARIDO, 2004).

Ao longo da história, contudo, a Educação Física priorizou os conteúdos em uma dimensão quase exclusivamente procedimental: o “saber fazer” e não o porquê está realizando este ou aquele movimento. Em outras palavras, relegou-se o conhecimento das transformações pelas quais passou a sociedade, os esportes e os hábitos de vida (DARIDO, 2004).

Partindo dessa orientação, e pensando o atletismo como uma manifestação cultural no âmbito da sociedade, este deve aparecer como conteúdo pertinente às aulas de Educação Física na escola. No entanto, como professores, além da aprendizagem dos movimentos, necessitamos garantir aos alunos, uma compreensão do atletismo enquanto fenômeno da cultura.

Ao retomarmos as provas com barreiras desde o seu surgimento no século XIX, estamos buscando, para além de mera curiosidade histórica, possibilitar que o aluno compreenda e vivencie o desenvolvimento dessas provas. Assim, a aula de Educação Física é um momento *sine qua non* para que esse aluno, por meio do movimento, experencie as principais modificações pelas quais passaram as provas com barreiras ao longo dos anos (a evolução dos estilos técnicos de transposição, das vestimentas, dos materiais das barreiras etc), até chegarmos àquilo, que hoje, reconhecemos como um fenômeno esportivo globalizado.

O professor que utiliza esse tratamento permite que seu aluno aprenda mais do que simplesmente o gesto, isto é, o “fazer” ou o jogar. Mas, possibilita que o aluno tenha condições de compreender, refletir, criticar a construção histórica da modalidade, a sua presença na mídia, a sua exploração e consumismo como um produto, o seu papel na vida das pessoas, os seus valores enfim.

Referências Bibliográficas

AS CORRIDAS DE BARREIRAS. Disponível em: <<http://www.omundodacorrída.com/acorridadebarreiras.htm>>. Acesso em: 18 ago. 2006.

CASTELLANI, L. F. Diretrizes gerais para o ensino de 2º grau – núcleo comum – Educação Física. Projeto SESC/MEC-PUC/SP, 1988.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO. Regras oficiais de atletismo: 2004-2005. Rio de Janeiro, Sprint, 2004.

DARIDO, S. C. Educação Física escolar: o conteúdo e suas dimensões. In: Suraya Cristina Darido; Edison Maitino. (Org.). Pedagogia Cidadã: Cadernos de Formação: Educação Física. São Paulo: Unesp: Pró-reitoria de graduação, 2005.

FERNANDES, J. L. Atletismo: corridas. 3º ed. São Paulo: EPU, 2003.

HISTÓRICO DAS PROVAS – FEMININO. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/provas/historico_feminino.asp>. Acesso em: 12 jul. 2006.

HISTÓRICO DAS PROVAS – MASCULINO. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/provas/historico_masculino.asp>. Acesso em: 12 jul. 2006.

LANCELLOTTI, S. Olimpíadas 100 anos. São Paulo: Nova Cultura, 1996.

MATTHIESEN, S. Q. (Org). Atletismo se aprende na escola. Rio Claro, 2003. 58p. (Caderno Didático).

SANTOS, D. A.; ALMEIDA, H. A. M. 2004. Disponível em: <www.blumenauatletismo.hpg.ig.com.br> Acesso em: 20 jun.2006.

100 METRES HURDLES. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/100_metres_hurdles>. Acesso em 05 jul. 2006.

110 METRES HURDLES. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/110_metres_hurdles>. Acesso em: 28 ago. 2006.

400 METRES HURDLES. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/400_metres_hurdles>. Acesso em: 28 ago. 2006.